

A FRAGMENTAÇÃO DA REALIDADE EXPRESSA NA LITERATURA INFANTIL

Lucila Pereira Correia*

RESUMO: *Este trabalho apresenta uma síntese de uma pesquisa sobre a fragmentação da realidade expressa na literatura infantil, desenvolvida no âmbito da graduação do curso de Pedagogia da Universidade Católica do Salvador-UCSal, sob a orientação da disciplina Metodologia e Prática de Ensino II, responsável pelas atividades de estágio do curso. A pesquisa de campo foi realizada em uma escola da rede municipal de Salvador, numa classe de 2ª série do Ensino Fundamental, com o objetivo de analisar as concepções ideológicas presentes na literatura infantil e os impactos nas atitudes das crianças. A pesquisa foi orientada por uma abordagem etnográfica, que possibilita capturar do cotidiano escolar cenas que nos aproximam do nosso objeto de estudo, por meio de uma investigação sistemática. O levantamento dos dados se deu a partir da observação da prática docente, da dinâmica do grupo estudado, da leitura de textos literários destinados à criança, das análises das reações e falas dos alunos durante o contato com a literatura infantil, além das análises reflexivas das obras trabalhadas. A pesquisa aponta pistas que instigam a reflexão sobre o uso da literatura infantil na escola, quais sejam: a fragmentação da realidade expressa na literatura infantil contribui para que as crianças também assumam visões fragmentadas da realidade; a literatura infantil utiliza-se do “maravilhoso” como subproduto da ideologia, agregando à sua função abstrativa a alienação; o contato das crianças com a literatura infantil nem sempre oportuniza a relação com a sua própria vida.*

Palavras-chave: Fragmentação da realidade; Literatura Infantil na escola; Ideologia.

INTRODUÇÃO

A observação da diversidade de heróis, inimigos, arquiinimigos, estereótipos, realidades e pseudo-realidades, encontrados em um número significativo de livros de literatura infantil despejado no mercado brasileiro, e análise das estratégias para desenvolver nas crianças o hábito da leitura instigaram uma reflexão sobre o emaranhado de idéias, ideologias, *marketing* e formas de fragmentação da realidade expressas nesse tipo de produção textual.

Se é através da consciência cultural que os seres humanos se desenvolvem e se realizam de maneira integral, pode-se depreender daí a importância que a literatura desempenha na formação do homem. À literatura, dentre tantas manifestações artísticas difundidas no mundo, cabe estruturar e divulgar os valores culturais que dinamizam uma sociedade.

Ao estudarmos a história das culturas das civilizações e o modo pelo qual se perpetuaram, percebemos que, entre os seus veículos de propagação, a literatura ocupa lugar de destaque. O impulso para ler o que está ao redor, adiante ou distante de si, faz do homem um leitor do mundo. Contudo, a leitura do mundo é interdependente do mundo da leitura. Num sentido de transformação constante, aponto a literatura infantil como a abertura ideal, mas não definitiva ou única, um caminho essencial para a mentalidade que a leitura do mundo exige.

* Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Universidade Católica do Salvador - UCSAL lucasvivaldi@hotmail.com. Orientadora: Ana Sueli Teixeira de Pinho, Mestre em Educação e Contemporaneidade, Professora de Metodologia e Prática de Ensino II da Faculdade de Educação da Universidade Católica do Salvador - UCSal; anasueli@svn.com.br.

Na literatura e também na literatura infantil, muitos assuntos são abordados. Aí se destacam: o individualismo, a autoridade, o sistema social, a moral dogmática, a sociedade sexófila, o pragmatismo, o racismo, a representação do real, a emoção, a representação do homem (como criança ou adulto), o espírito comunitário, o relativismo, a capacidade mental de conhecer e compreender, o entendimento da vida como mudança contínua, a redescoberta das origens, a sexofilia, a defesa dos direitos para todos, a valorização do trabalho, a moral da responsabilidade, a linguagem literária, a emoção sobre a objetividade. Tal amplitude e complexidade de temas tornam-se possíveis devido à diversidade de autores. Contudo, na literatura infantil, alguns assuntos são cuidadosamente trabalhados e outros, evitados.

Diante da problemática aqui apontada, nasce este estudo com a intenção de entender as concepções ideológicas presentes na literatura infantil e seus impactos nas atitudes das crianças. Essas produções literárias e as concepções ideológicas a elas subjacentes, por nem sempre terem sido pensadas diretamente para as crianças, ao utilizarem uma linguagem que tenta facilitar a compreensão desse público, acabam, muitas vezes, por mascarar suas intenções. Partindo deste objetivo, outros se interpõem no sentido de suscitar questionamentos sobre tão polêmica temática: identificar as reações das crianças após a leitura de histórias infantis, destacar como as concepções ideológicas são mescladas no contexto dos temas abordados na literatura nas séries iniciais e identificar o processo de fragmentação da realidade nos textos da literatura infantil utilizados numa escola da rede municipal.

Desses três pontos, pode-se entender parte da problemática que envolve a literatura infantil e a fragmentação da realidade nela expressa. Faz-se, todavia, indispensável buscar no campo respostas para as indagações que surgiram da tentativa de um aprofundamento e compreensão do tema proposto. Num rol de tantas perguntas possíveis e úteis, três apontam em que direção será viável construir um conhecimento embasado nos referenciais teóricos dos autores e na resposta prática a ser observada no campo. São elas: Que visão de mundo é construída pelo leitor a partir do contato com a realidade fragmentada oriunda da literatura infantil? Que concepções ideológicas estão presentes na literatura infantil? Que sentidos são percebidos pelo leitor no contato imediato com a literatura infantil?

A apreensão dos dados necessários foi possível através da realização de uma pesquisa etnográfica, que possibilitou, através de uma investigação sistemática e orientada, mergulhar no cotidiano da sala de aula, promovendo a articulação entre a teoria e a prática pedagógica.

As análises feitas a partir do cotidiano observado contribuíram para a percepção de que, embora a literatura infantil no Brasil esteja desfrutando de um momento prolífero, visível tanto em relação ao número de autores que se dispõem a imaginar aventuras diversas para entreter as crianças, quanto na diversidade de formato e abordagens variadas de temas, a escola ainda não aprendeu a lidar com este instigante material. Assim, é o campo de pesquisa o melhor local para colher respostas significativas e satisfatórias, que nos ajudam na aproximação dessa realidade.

LITERATURA INFANTIL: SUAS RAÍZES E DESENVOLVIMENTO

O conceito de literatura infantil, segundo a autora Nelly Coelho (1982), é bastante discutido entre os estudiosos do tema. Uns consideram que essa classificação decorre da eleição da criança por um acervo literário, outros se baseiam na gama de provocações oriundas do processo de leitura, tal como a emoção, o prazer, a fantasia, a identificação e o interesse da criança. Em sentido vulgar, a palavra “literatura” traz uma conotação negativa, por ser relacionada a algo distanciado da vida real e prática, uma realidade estranha ao que é considerado verdadeiro, sério, sólido ou útil.

Por um lado, a literatura é o domínio da ilusão, do sonho, da mentira ou de anseios absurdos, domínio do qual o homem deve se afastar, se quiser viver bem, entendido aqui de acordo com as leis práticas que regem a vida individual, coletiva, social e jurídica da sociedade, hoje baseada, sobretudo, no consumo. Por outro lado, a maioria da população, “escrava” dos meios de comunicação (principalmente a televisão), considera a literatura de difícil compreensão e sem nenhum atrativo, justamente por exigir tempo e concentração para poder ser conhecida pelo leitor e fazer parte de seus costumes.

A palavra literatura é intransitiva e, independente do adjetivo que venha a acompanhá-la, é arte e deleite. Com efeito, o termo infantil associado à literatura não significa que ela tenha sido feita necessariamente para crianças. Literatura com adjetivo, entretanto, deveria pressupor que sua linguagem, seus temas e pontos de vista objetivam um tipo específico de destinatário e o que lhe interessa. Como, em geral, há autores adultos, autores que escrevem para o público infantil, ocorre uma distância entre autor e leitor, o que gera indagações cada vez mais profundas quando se pensa na dependência da criança na sociedade atual. A literatura infantil é feita para corresponder aos anseios do leitor mirim, que deve se identificar com os personagens ou situações narradas. Contudo, tal correspondência muitas vezes ocorre apenas nas mentes dos escritores e editores.

O aparecimento da literatura infantil decorre da ascensão da família burguesa, do novo status que a criança recebe da sociedade e da reorganização da escola, no início do século XVIII. Ali, a sociedade começou a compreender que a criança deveria distanciar-se da vida dos mais velhos com uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

Segundo Cunha (1995), dos grandes autores, Perrault, e depois os irmãos Grimm, ligados à gênese da literatura infantil, tiveram seus contos republicados e adaptados tantas vezes, que hoje se torna difícil distinguir os originais escritos por eles dos modificados. Em cada país, surgiram propostas diferentes de obras literárias infantis, destacando-se Andersen, Carlo Collodi, Amicis, Lewis Carroll, J. M. Barrie, Mark Twain, Charles Dickens, Ferenc Molnár. Além de clássicos universais, algumas obras continuam sendo um fenômeno literário, foram feitas para adultos, ou melhor, foram famosas quando destinadas a outro público alvo e, mesmo sofrendo processo de adaptação, foram transformadas em entretenimento para crianças.

No Brasil, a literatura infantil inicia-se com as obras pedagógicas e adaptadas da produção portuguesa, referência clara à posição de dependência da metrópole. Mas é com Monteiro Lobato que se expressa a produção brasileira. A trajetória da literatura infantil no século XX, no Brasil, segue apontando novos rumos. Durante os anos 30 e 40, Lobato representou o novo na literatura infantil do País. Alguns autores que se iniciaram como escritores para criança nos anos 30 hoje têm a sua produção integrada ao acervo literário brasileiro, a exemplo de Viriato Correia, Orígenes Lessa, Vicente Guimarães, Ofélia Fontes, etc.

Nos anos 40 e 50, a “irrealidade”, o “extraordinário”, o “maravilhoso”, elementos recorrentes na literatura infantil, foram sistematicamente combatidos através de um tipo de literatura surgida nessa época. Alegava-se que tais termos falsificavam a realidade e que, mesmo entendidos no plano simbólico, poderiam provocar nas crianças, quando adultas, uma série de alienações: a perda de sentido do concreto, evasão, distanciamento da realidade, imaginação doentia, etc. Como resultado dos questionamentos feitos ao modelo anterior, surge uma farta produção de livros, tidos como verdadeiros, mas em geral medíocres ou nulos do ponto de vista literário, pois o objetivo didático predominava.

Em meados dos anos 60, começa uma reação contra a minimização da cultura literária e lingüística que estava ameaçada de superação total pela “cultura de mosaico” dominante em todos os setores da sociedade. Diante do despreparo dos alunos, os observadores da realidade cotidiana chegam à conclusão de que a visualidade e o fragmentarismo, presentes na base da

nova forma de representação de mundo, veiculada pelos meios de comunicação de massa, são fatores negativos atuando na formação (ou deformação?) da consciência de mundo do indivíduo.

Tradicionalmente, a literatura infantil apresentou um discurso monológico, que não abria brechas a interrogações ao choque das verdades e à diversidade. Em geral, tudo era homogeneizado numa só voz, a voz do narrador. No entanto, esse monologismo se esfacela, dada a diversidade de gêneros literários, que fazem da literatura o escopo natural da consciência, iniciada com o próprio escritor, que precisa dela para criar seu universo literário significativo. Orientando-se a partir de uma consciência de mundo ou certa filosofia de vida, o autor consegue imprimir em sua obra valores de seu tempo, muitos deles passíveis, certamente, de questionamentos.

A consciência é de vital importância para o escritor tanto quanto para o leitor, pois, para o segundo, será a partir dela que conseguirá uma representação de determinada realidade ou valores que tomaram corpo em sua mente. A consciência surge, assim, de uma relação que se estabelece entre o eu e o outro eu (tudo que não seja o próprio eu). A função da consciência é nos levar ao conhecimento e, por causa disso, torna-se fator essencial à obra literária. A consciência age nas relações que são estabelecidas entre as realidades, conduzindo a uma visão de mundo.

FRAGMENTAÇÃO EXPRESSA NA LITERATURA INFANTIL

No ato da leitura, o leitor entra em contato com a consciência de mundo presente na obra do escritor e, se não houver uma identificação entre o mundo do sujeito que lê e o mundo exposto no objeto, que é o livro lido, tem-se a fragmentação da realidade. A fim de explicitar o entendimento assumido aqui em torno da fragmentariedade, ressalto a comparação feita entre este conceito e o conceito de heterogeneidade. Assim, concebe-se que o heterogêneo

[...] é constituído de partes, mas fosse apenas isso e ele poderia ser um todo fragmentado, tipo 'um tijolo reduzido a pedaços'. Teríamos os fragmentos, mas não o tijolo. Os fragmentos não são, evidentemente, o tijolo como um todo e apenas indicam o todo. Diríamos que são o todo, apesar de sua fragmentação; mas também que são o todo porque está fragmentado. O heterogêneo, por seu lado, forma um todo feito de partes de natureza distinta, do tipo 'um automóvel' ou uma 'cidade' (tantos tipos concretos, materiais, quanto abstratos, cognitivamente conceituados). (SHAEFER e JANTSCH, 1995, p. 52)

A partir dessa afirmação, a fragmentação da realidade será tomada, como o nome indica, em pedaços, dividida, desarticulada do todo, mas numa desarticulação articulada entre si, pois, mesmo desarticulada, é possível perceber que é uma deformação vinda do pensamento central (o todo), pois a condição de fragmentariedade se refere a pedaços de um todo de mesma natureza.

Considerando a peculiaridade da literatura, que assume a impossibilidade de apreender o real em sua totalidade, de que fragmentação está a se tratar aqui? Sabemos que a literatura promove transgressão de valores, como também cumpre seu papel no reforço (na reprodução) de valores, papéis sociais e conceitos ideológicos. Muitas obras literárias, e aqui não escapam algumas produções literárias destinadas às crianças, apresentam, por injunções ideológicas, uma visão fragmentada e distorcida da realidade, quando impedem ao leitor uma abertura de mundo, uma problematização do real. Conforme Schaefer e Jantsch (1995),

uma visão fragmentada do real (das significações que se constroem mentalmente a respeito dele) leva a uma espécie de paralisação da prática ou pelo menos a um estacionar na mesma prática. O indivíduo fragmentado é

levado a agir num mesmo quadro referencial cognitivo, não conseguindo dar saltos para novas práticas. O indivíduo fragmentado cognitivamente não inter-relaciona as partes do todo cognitivo quebrado. (SCHAEFER E JANTSCH, 1995, p.94).

Alargando mais essa questão, vale lembrar, segundo Perrotti (apud CUNHA, 1995, p. 76), que a cobrança de uma função utilitária faz da literatura infantil um instrumento de propaganda de valores sociais que os adultos aceitam sem desconfiar da procedência e, ao aceitá-los, tornam-se seus promotores, conscientes ou não.

Perrotti (apud CUNHA, 1995, p. 78) diz ainda que a repetição de esquemas usados em boa parte da literatura infantil, por exemplo, bem x mal, homens bons x homens maus, ordem x desordem diminui a intensidade do prazer, chegando mesmo a transformá-lo em vício monótono. Para Perrotti, viciar o leitor é muito mais fácil, pois o único trabalho dos promotores da mensagem é sustentar-lhe o vício, apresentando-lhe os mesmos esquemas, vestidos com roupagens diferentes, mas sem esconder a sua verdadeira natureza, já sobejamente conhecida. Garante-se a satisfação do viciado e o lucro do agenciador.

Agindo de tal forma, veiculando valores que confirmam a ordem restaurada, continua Perrotti (apud CUNHA, 1995, p. 78), a literatura infantil endossa a dominação histórica à qual sempre nos sujeitamos. Nossas vidas foram decididas fora de nossos limites, acima do Equador, cabendo-nos tão somente colorir com as cores locais sistemas de vida, modelos que nos chegavam prontos. Percebe-se, nesse contexto, uma manobra ideológica, um dos meios usados pelos dominadores para exercer a dominação, sem que os dominados percebam.

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes a partir das divisões na esfera da produção. Pelo contrário, a função da ideologia é de apagar as diferenças como de classes e fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais identificadores de todos e para todos, como, por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação, ou o Estado. (CHAUI, 2003, p. 108 e 109).

Ao contrário do que pensam algumas pessoas, os homens não decidem deliberadamente por fazer uma ideologia. É possível entender que a ideologia resulta da prática social, nasce, portanto, da representação que os homens fazem de suas atividades, representação necessariamente invertida. Assim, as idéias da classe dominante tornam-se as idéias de todas as classes sociais, tornam-se idéias dominantes. A ideologia deve ser sempre considerada, pois a fragmentação da realidade traz imbuída no seu processo tantas e tão fecundas ideologias que, aos desavisados, a percepção é quase nula. Quando percebida, permite apenas que seja vista parte de si, o que não traz questionamento algum sobre suas ações, efeitos ou conseqüências, quer seja a curto ou a longo prazo.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Fazer pesquisa etnográfica não é tão fácil quanto dizer o seu significado. Afinal, o que é etnografia? Se mergulharmos na raiz etimológica da palavra (*éthnos*, “povo” + *gráphein*, “descrever” + *ia*), em princípio, etnografia significa escrita, uma descrição de... No entanto, mais que uma descrição, a etnografia é um mergulho no cotidiano da teoria e que somente é verbalizado na formação acadêmica. Sua contribuição maior reside na relação estabelecida entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Assim, elegi como instrumentos de pesquisa a observação da prática docente, da dinâmica do grupo estudado e leitura das obras literárias encontradas na sala de aula, e posteriormente, análise das práticas de regência, análise das reações dos alunos durante as aulas e das falas dos alunos durante o contato com a literatura infantil e uma reflexão dessa produção literária.

O campo da pesquisa foi a escola municipal Maria Quitéria, situada na região denominada Galés, no bairro de Brotas. A escola goza de uma aparência de recém-construída por ter sido reformada, atendendo a cerca de 500 alunos, distribuídos nos três turnos. Conta com cerca de 10 professores no seu quadro de funcionários, duas merendeiras, duas auxiliares de serviços gerais, dois vigilantes e um porteiro, além de uma secretária. A diretora atende aos três turnos de funcionamento.

Durante meu estágio, foram regidas quinze aulas, aproveitando os intervalos durante, antes e depois das aulas para buscar esclarecimento junto aos demais professores sobre a prática docente. Permaneci na escola de 04 a 27 de abril de 2005. A regência e observação foram realizadas com a turma da segunda série, disponibilizada pela diretora, por se encontrar sem professor titular da rede. As aulas foram ministradas algumas vezes em clima de tranquilidade e, em outras, sob as tensões típicas de uma sala de aula comum. À curiosidade inicial das crianças, seguida de perguntas, deu-se gradativamente a imersão e integração da pesquisadora ao grupo que estava sendo pesquisado.

A LITERATURA INFANTIL EM SALA DE AULA

Na sala de aula em que fiz meu estágio, destaca-se, no canto próximo ao quadro branco, uma pequena estante feita de forma artesanal, denominada “cantinho da leitura”. Aí, ficam expostos os livros de literatura infantil que são acervo permanente dessa sala: *Pluft, o fantasminha*, de Maria Clara Machado, editado pela Companhia das Letras, São Paulo: 2002; *O fantástico mistério de Feurinha*, de Pedro Bandeira, FTD, São Paulo: 2001; *A história de cada um, A barriga transparente*, ambos de Juciara Rodrigues, Scipione, São Paulo: 1996; *Peter Pan, Boas Maneiras: desculpe-me, A pequena Sereia, O pequeno Polegar, Boas maneiras: em casa e Bambi*, todos de Cristina Marques, editora Brasileitura; *Aladim*, de Roberto Bell, da Brasileitura, e *Arco-íris*, de Neuza Maria Trampolim, editora Bolsa Nacional do Livro, Curitiba.

Destes livros, os que contêm desenhos exercem maior atração entre as crianças. Os trabalhados de forma cuidadosa pelos autores, a exemplo de *Pluft, o fantasminha* e *A barriga transparente* não as atraem. Acredito que isso se deva às muitas letras e poucas ilustrações, o que afasta um público cuja idade/faixa etária ainda não se sente seduzido por esse tipo de produção. Em contato com o acervo, considero estes dois exemplares de ótima qualidade e de inestimável valor para o desenvolvimento das crianças.

Não há uma variação dos títulos disponíveis na sala de aula. Assim, a escolha dos alunos por livros que contêm ilustrações gera novos conflitos, que podem chegar ao prejuízo do exemplar eleito. O interesse dos alunos por esses títulos pode ser utilizado de maneira satisfatória para a alfabetização deles e o desenvolvimento do processo de leitura dos que já estão alfabetizados.

Tive o cuidado de analisar esses títulos e fazer uma leitura exaustiva de seus textos antes de trabalhá-los com as crianças. Verifica-se em tais volumes a fragmentação da realidade, nos textos e nas ilustrações e pouco aprofundamento dos temas tratados. Após a leitura com as crianças, abordei o conteúdo presente, as ilustrações, questionei as afirmativas que eles defendiam. Assim, diante da posição dos alunos, percebi o modo pelo qual se dá a fragmentação da realidade e as formas pelas quais as crianças se relacionam com a sua representação, o que pretendo agora analisar.

OS VALORES DAS SOCIEDADES TRADICIONAIS EXPRESSOS NA REALIDADE FRAGMENTADA DA LITERATURA INFANTIL

Para identificar o processo de fragmentação da realidade nos textos da literatura infantil, faz-se necessário compreender os valores da sociedade tradicional, pois a disseminação deles é uma das vias ideológicas utilizadas com maior frequência em tais textos. Os valores definidos pela sociedade tradicional, consolidada no século XX e em crise no século atual, são o individualismo e suas verdades absolutas, a crença indiscutível no poder e no saber da autoridade, o sistema social, a moral dogmática, maniqueísta e de caráter religioso, a sociedade sexófoba, o pragmatismo, o racismo (valorização da raça branca sobre as demais). Ainda, a linguagem literária, o predomínio da emoção sobre a objetividade, a criança como miniatura do adulto. Esses valores estão expressos em boa parte da produção literária destinada à criança de forma tão inocente, que passam despercebidos. Todavia, vale ressaltar que sua utilização é feita sempre que possível.

Nos livros que compõem o acervo da Escola Municipal Maria Quitéria, percebi que a representação do índio e do negro é quase nula, enquanto herói ou coadjuvante, e o racismo é fato usual, uma vez que são representados apenas heróis brancos. O progresso nas aventuras e as melhores idéias são sempre expressas, por meninos ou meninas brancas.

A criança, por sua vez, é tida como um adulto em miniatura. Ações e atitudes próprias dos adultos são mescladas nas aventuras dos pequenos, sugerindo aos adultos que lêem uma temporalidade inexistente. A imaturidade, peculiar aos pequenos, é encurtada. Na história *A pequena Sereia*, por exemplo, num momento, a personagem está no fundo do mar e em outro, já aparece casada com o príncipe na terra. A temporalidade também é vista em todos os contos de fadas, pois os heróis e principalmente as heroínas que começaram a história ainda criança ou adolescente, chegam ao final casados e felizes para sempre.

Nos contos da literatura infantil, a compreensão do sistema social é reducionista, uma vez que na representação das classes sociais se valorizam as minorias privilegiadas pelas fortunas e seus modos de vida. Em qualquer sociedade moderna, o trabalho é pedra base enquanto na literatura infantil é tratado com dualismo, pois, de um lado, valorizam o trabalho como a realização do indivíduo, mas aos privilegiados não há necessidade de exercerem atividades remuneradas. Nos contos de fada, a autoridade suprema é exercida pelo pai ou esposo, enquanto à mãe destina-se a responsabilidade pelo equilíbrio no lar.

Quando lemos, por exemplo, a história de *Pequeno Polegar*, é possível identificar a valorização do individualismo, pois toda a história parte do indivíduo (Pequeno Polegar) e nele tem seu maior sustentáculo, embora seus ideais visem ao benefício da coletividade (sua família).

A própria linguagem literária carrega em si uma estrutura baseada na lei de causa e efeito, buscando sempre enfatizar a razão lógica. *Bambi*, por exemplo, de cervo indefeso e órfão, torna-se, pelas adversidades, líder da floresta.

É no sentido de não fraudar a visão de mundo das crianças e assim modificar a dinâmica das relações entre as crianças e o mundo, que se deve articular a realidade expressa na literatura infantil e a realidade concreta das crianças em geral.

REAÇÕES DAS CRIANÇAS APÓS A LEITURA DE HISTÓRIAS INFANTIS

O momento de leitura na sala de aula sempre é aguardado com ansiedade pelas crianças da 2ª série da Escola Municipal Maria Quitéria. Ressalto, todavia, que, durante a regência e observação das aulas, não foram utilizados rigorosamente horários determinados nem textos obrigatórios para a observação de tais reações. Buscaram-se identificar as reações das crianças de forma espontânea, deixando-as escolherem livremente, após as tarefas de sala de aula, qualquer livro. Assim, nos períodos anteriores ao horário do recreio, nos momentos antes da saída, tais reações foram explicitadas, como ainda nas atividades ligadas diretamente à literatura infantil.

O “maravilhoso” continua sendo o elemento mais importante da literatura infantil. Esse fascínio é comprovado na preferência das crianças pela abundância de ilustrações, pelas histórias tradicionais e pelo prazer visível nas emoções externadas após os momentos de leitura coletiva.

Segundo a psicanálise, os significados simbólicos dos contos maravilhosos estão ligados aos eternos dilemas enfrentados pelo homem durante o seu processo de amadurecimento emocional. Exatamente na passagem do egocentrismo para o sociocentrismo, a criança encontra-se com o maniqueísmo, que divide os personagens em bons e maus, belos e feios, poderosos e fracos, inocentes e culpados, certos e errados. Assim, os contos de fadas podem ser decisivos para a formação do indivíduo e para uma compreensão do mundo à sua volta.

Percebe-se nos olhos das crianças o brilho cintilante dos seus olhares, a frenética ansiedade por cada palavra contada, a necessidade de conferir o que estava sendo narrado com as ilustrações apresentadas pelo livro, além da insatisfação com a leitura de um único exemplar por dia e a necessidade de ler o máximo de livros por vez. Ainda que continuamente se repetissem as leituras, tal movimento não esfriava o prazer que cada releitura proporcionava.

Tais reações não se restringem às crianças que dominam a leitura. Os alunos mais expressivos, os tímidos, os analfabetos, os ditos “pintões”, os hiperativos, os detentores de dificuldades de aprendizagem, as meninas dedicadas e os meninos de rápido processamento de idéias, enfim, todos os alunos na sala de aula apresentam reações similares após a leitura de histórias infantis. Porém, ressalto que tais reações foram mais bem observadas nas leituras coletivas, pois, nas leituras individuais, a intensidade de tais reações ficou em segundo plano devido à dinâmica da sala de aula e aos cuidados e atenções requisitados pelos alunos.

AS VISÕES DE MUNDO CONSTRUÍDAS PELO LEITOR A PARTIR DO CONTATO COM A REALIDADE FRAGMENTADA ORIUNDA DA LITERATURA INFANTIL

Um mundo de sonhos numa realidade de concreto, um conto de fadas numa realidade de dificuldades, um mundo de fantasias numa realidade de decepções, eis os contrastes que cercam os pequenos leitores da Escola Municipal Maria Quitéria. Na realidade concreta da vida das crianças, em que os pais precisam resolver problemas relacionados ao desemprego, baixa renda, saúde e moradia, ainda atuam valores que não condizem com essa realidade e que foram herdados do passado. No plano das idéias, do pensamento criador, já atuam valores novos, porém, estes ainda não foram apropriados harmoniosamente por esses sujeitos e pelos grupos sociais que integram.

Há críticos que defendem a inadequação dos conteúdos próprios da literatura infantil, acusando os excessos de didatismo, de infantilismo, de moralismo maniqueísta e dos demais valores próprios da sociedade tradicional. Outros, contudo, consideram que as crianças ainda não têm uma visão de mundo organizada para poder perceber (ou aproveitar) o alcance dessa fragmentação ou sentir-se integrada nela. Para eles, a lógica infantil repudia o sem-sentido, aceitando o absurdo com naturalidade. Fato concreto entre essas duas vertentes é que o sistema literário, o sistema de ensino e o sistema educacional são os últimos a serem alterados em suas áreas por qualquer renovação.

Aponto aos críticos nesse movimento de defesa de seus pontos de vistas que eles cometem, um erro gravíssimo: esquecem que as crianças da atualidade são completamente diferentes, sofrendo internamente mudanças análogas às apresentadas pela sociedade em que estão inseridas. O que vi na sala de aula corrobora em evidenciar a despreocupação dos escritores (ao menos nos exemplares disponíveis), pois, ao serem co-participantes do processo educativo brasileiro, alimentam os alunos com valores tradicionais, não se empenhando em refletir ou expressar a realidade concreta brasileira.

Como alunos, os meninos e meninas da 2ª série se permitem viver os momentos na sala de aula separados de qualquer pensamento que os remeta à sua própria realidade. Nesse momento, a visão de mundo expressa na literatura infantil torna-se seu próprio mundo, e a realidade fragmentada é apropriada como realidade concreta. Mesmo os livros que representam em suas matérias alusões ao mundo contemporâneo, por exemplo, *A barriga transparente*, de Juciara Rodrigues, continuam expressando uma defasagem através da linguagem utilizada e os valores de comportamentos propostos.

Uma visão de mundo fragmentada é o que sobeja para o leitor a partir do contato com a realidade fragmentada oriunda da literatura infantil. A visão de mundo representada na literatura infantil em sala de aula é a representação grotesca do que não temos hoje, pois a ausência de uma visão de mundo atual é a própria negação da atualidade concreta. “Infantilizar” as crianças não cria cidadãos capazes de interferir na organização de uma sociedade mais consciente e democrática.

AS CONCEPÇÕES IDEOLÓGICAS E A LITERATURA INFANTIL

São tantas e tão variadas as concepções ideológicas presentes na literatura infantil, que podemos nos prender à história do *Pequeno Polegar*. Num trecho inicial, vemos um pobre lenhador dizer à sua mulher que, no dia seguinte, abandonaria os seus filhos na floresta, pois ele não tinha mais dinheiro para sustentá-los.

Ao analisar com os alunos o seguinte trecho da narrativa, obtive o seguinte diálogo:

P: Por que o lenhador é pobre? (aguarda a resposta dos alunos)

A: Porque não tem dinheiro. (falamos, achando natural a correlação)

P: Por que então ele não tem dinheiro?

A: Porque a lenha tinha acabado.

P: Por que a lenha tinha acabado?

A: Porque ele tinha cortado todas as árvores para vender as lenhas.

P: Então como ele ficou pobre?

A: Gastando todo o dinheiro com a família.

A resposta final dos alunos remete para a família a culpa pela pobreza do lenhador. Num processo básico, pois seus pensamentos giram sempre em torno do que está implícito no texto, não conseguem ver a real situação da família do lenhador. A inversão, uma das características da

ideologia, que, ao explicar a realidade, apresenta como causa o que na verdade é consequência. Além de presente neste texto, nem mesmo é distinguida pelos leitores.

Num outro trecho dessa história, observamos o seguinte “O gigante foi capturado. O rei, agradecido, deu a Polegar e a seus irmãos uma bolsa cheia de moedas de ouro como recompensa. Assim, voltaram para a casa de seus pais e puderam viver juntos para sempre”. Aqui é notória a idéia que cabe apenas a Polegar e sua família uma “recompensa” pela captura do gigante. O gesto do rei revela que o gigante também era uma ameaça para o seu reino. Sem questionar os benefícios que o seu gesto trouxe para a comunidade, tanto Polegar quanto sua família devem se satisfazer com a recompensa dada pelo rei. A ideologia presente remete para a realidade a idéia de que os direitos da população são recompensas e não deveres dos governantes.

A ideologia presente nesse texto não permite extrair do contexto da história do Pequeno Polegar elementos que permitam à criança identificar no mundo real as mazelas governamentais, pois a ficção permeia o seu colorido de tal forma, que tudo que a criança percebe é a mágica desse momento e a aventura. Dessa forma, o “maravilhoso”, elemento essencial na literatura infantil, é um subproduto da ideologia, agregando à sua função abstrativa a alienação.

OS SENTIDOS PERCEBIDOS PELO LEITOR NO CONTATO IMEDIATO COM A LITERATURA INFANTIL

A verdadeira estória infantil prende a atenção da criança quando consegue entretê-la, despertando sua curiosidade. Por outro lado, a pior característica de um livro infantil é lograr a criança no que ela deveria ganhar com a experiência da literatura: acesso ao significado mais profundo e aquilo que é significativo para ela no seu estágio de desenvolvimento. Um outro aspecto a ser destacado é que a literatura infantil deve enriquecer a vida da criança, estimulando-lhe a imaginação.

No que diz respeito às crianças observadas, o maniqueísmo ocupa lugar de preponderância na percepção dos alunos. O bem e o mal falam muito tranquilamente em suas mentes sem, contudo, lograr êxito na mudança de atitude. Assim, tudo é classificado de forma maniqueísta.

A turma de alunos não verbalizou sua percepção ao fato de que as estórias que leram transmitiam a idéia de que o homem que deseja conseguir sucesso deve sofrer provações, encontrar perigos, passar por processos difíceis e conseguir vitórias. Em tais histórias, fica implícito que somente de tais maneiras podemos dominar nosso destino e conquistar nosso reinado. Aqui certamente cabe a nós, professores, promovermos esse debate; daí a importância desse mediador na escola.

A classe observada percebe inconscientemente os sentidos no contato com a literatura infantil, sem conseguir fazer a correlação com a sua própria vida, ao menos de forma verbal. Disso, entendo que, ao não conseguir verbalizar tais sentidos, a criança elege inconscientemente sua preferência em aventurar-se pela fantasia, deliciando-se nas emoções que ela provoca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, que começou a partir de provocações, mostrou que estas foram insuficientes, dado o limite deste trabalho, para uma análise alargada da literatura infantil. Dessa forma, percebi o potencial da literatura infantil. Ela ao mesmo tempo é tão importante para as crianças, que não se pode descartá-la. No entanto, em algumas produções literárias destinadas ao público infantil, a fragmentação da realidade é um fato tão flagrante, que se torna impossível mascarar.

A escola deve e pode dispor da literatura infantil como recurso didático e lúdico. Entretanto, os responsáveis devem acompanhar todo o material a que têm acesso, viabilizando oficinas que permitam aos professores analisar criticamente tais recursos. Se é inconcebível a fragmentação da realidade, tampouco é inconcebível que, dentro da escola e com o aval da escola, o saber seja construído em cima de uma fragmentação.

Deve ser preocupação da escola instigar em seus alunos uma reação contra-hegemônica, que garanta um questionamento das idéias e valores das classes dominantes, os quais massacram a grande maioria da população. E aos educadores fica um alerta: não há espaços vazios para a inocência, pois todas as frestas foram preenchidas pela fragmentação da realidade e, na insuficiência desta, a ideologia se encarrega de cimentar-lhe o sobejo não aplicado nos seus aparelhos ideológicos.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. *O que Ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil*. 2. ed. São Paulo: Quíron/Global, 1982.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: Teoria e prática*. 15. ed. São Paulo: Ática, 1995.

SCHAEFER, Sérgio; JANTSCH, Ari Paulo. *O conhecimento popular*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.